

Cinco Palavras de António Vieira, Manuel Maria

APRESENTAÇÃO

Ex.mos colegas e amigos

Caro colega, amigo e autor,

Boa tarde a todos

Queria agradecer muito sentidamente ao meu amigo Manuel Maria o convite para apresentar o seu novo livro, embora dispensasse a responsabilidade que este ato representa. Neste caso, uma responsabilidade duplamente acrescida: a de fazer a apologia desta obra incontornável sobre António Vieira e a da própria figura histórica que a inspira. Conto, por isso, com alguma complacência da vossa parte.

Curiosamente, há oito dias, celebramos dois anos da publicação de História que daria um livro, também da autoria de Manuel Maria, e aqui estamos novamente todos para partilhar a publicação de mais uma obra deste nosso colega e amigo.

Todos os seus livros têm a particularidade de possuírem, no seu título, cinco palavras. Este não foge curiosamente a essa particularidade, mas, neste ensejo, são efetivamente cinco palavras especiais, proferidas pelo próprio Pe António Vieira.

Cinco Palavras de António Vieira remete para a pergunta retórica, “Não é isto tudo verdade?” proferida num dos seus sermões, nomeadamente, o “Sermão de Santo António aos Peixes”. São essas cinco palavras que dão o mote a este romance.

Trata-se de uma narrativa ficcionada, é certo, mas com fundamentos verídicos, comprovados pelas fontes históricas à nossa disposição.

Apesar da influência que António Vieira teve na sua época, a sua ação, a sua atividade, a sua importância são, podemos dizer, desconhecidas de muitos portugueses. Todos teremos uma breve referência do “Sermão de Santo António aos Peixes”, escrito no Brasil, exatamente no dia de Santo António e estudado nas aulas de Português, ao longo dos anos. Mas os nossos conhecimentos raramente vão além dessa referência.

Nesse texto que referimos, fala-se da necessidade de salgar a terra, de tão corrupta que está, e coloca-se a questão

“Não é tudo isto verdade?”

Sim, é verdade que esta obra é o ponto de partida para nos pôr a par das intrigas, dos episódios, dos golpes palacianos, das peripécias que rodearam o reinado de D. João IV, e das histórias da colonização do Brasil, das ilegalidades do tráfico de escravos de Angola para a América, das atrocidades praticadas pelos colonos do Maranhão e do Pará e, acima de tudo, de como essas vivências determinaram o que viria a ser a vida de António Vieira. “Não é tudo isto verdade?” são as palavras de uma das figuras que a tudo isso assistiu, que tudo testemunhou e de que nos deixou, nos seus escritos, a sua reflexão e perspectiva. Esse testemunho constitui um acervo que mostra um espetador, mas também uma personagem bastante determinada e ativa no seu tempo.

A obra de Manuel Maria, que agora é publicada, além de nos dar conhecer um dos maiores escritores portugueses de todos os tempos, um dos maiores exemplos da eloquência e da retórica em Portugal, contribui decisivamente para o conhecimento dessa outra faceta de António Vieira. O seu lado humano, destemido, corajoso, empreendedor e, portanto, universal. E, como?

1-António Vieira foi, no século XVII, um político e um visionário.

Viveu, sempre intensamente, entre a corte de Portugal e o sertão no Brasil, ou do Maranhão mais precisamente, e para onde tinha ido ainda criança. Nesse tempo de obscurantismo, de desorientação, de falta de autoridade central, não teve medo. Nem por isso deixou de intervir na vida social e política de um Portugal apenas saído de sessenta anos de ocupação filipina e no momento em que D. João IV tinha mais dificuldade em lidar com os desmandos dos donos das plantações no Brasil e dos Inquisidores em Portugal. Viajou por grande parte da Europa como embaixador do próprio rei e, com a sua verve e arte diplomática, tentou chamar para a causa

portuguesa as casas reais europeias e o próprio Papa. Também denunciou, enfrentou os colonos brancos, negociou com os reis, com os traficantes, com os capitães..., com todos os “grandes” da altura e era ele próprio a propor estratégias para lidar com a situação política junto do rei. (passo a citar)

“O remédio que isto tem (e não há outro) é mandar V. Majestade que nenhum Governador, ou Capitão-mor possa lavrar tabaco, nem outro algum género, nem por si, nem por interposta pessoa, nem ocupem, nem repartam os Índios senão quando fosse para as fortificações, ou outras cousas do serviço de V. Majestade [...]” (Pe António Vieira)”

2- António Vieira foi, no século XVII, um defensor dos mais fracos, uma voz incômoda e um homem determinado na defesa dos direitos humanos.

A sua faceta de diplomata e de homem justo, à frente do seu tempo, ousou desafiar os poderosos, os que “mandavam” no Brasil, como relata o próprio autor no romance, quando se refere aos índios (e cito) “ *...Sim, cativos, tratados como escravos, que não iam senão forçados e com violência, uma vez que a fortíssima venenosidade dos vapores do tabaco dizimava imensos ao longo do ano, conforme também deu conta na mesma carta a D. João IV...*” (fim de citação)

Vieira estava no Brasil pouco tempo depois da restauração da independência, em que tentávamos manter, depois de tantas colónias perdidas no tempo dos Filipes, pelo menos o Brasil, através da sua divisão em capitánias e pela evangelização das populações indígenas, realizada sobretudo pelos jesuítas. É nesse âmbito, que este padre da Companhia de Jesus tenta levar a cabo a sua missão, mas denunciando as atrocidades cometidas pelos colonos sobre os índios e negros, com a cobertura de governadores, que se dedicavam à produção de tabaco e de açúcar nos engenhos.

Como se refere no romance *“Sem açúcar não haveria Brasil, sem escravos não haveria açúcar, sem Angola não haveria escravos.”* Era um trabalho duro, sob-humano, escravizado e explorado pelos donos dessas plantações.

Ele próprio afirmou e cito “*Não podemos ficar calados. Que o ónus da responsabilidade esteja do lado da incompetência e do arbítrio da sua autoridade, nunca do lado da nossa indulgente passividade.*”

Ele sabia e sempre denunciou, sem medo, que os inimigos da alma não estavam nos índios escravizados, nem nos negros mortos entre Angola e o Brasil. Os inimigos da alma e do corpo estava bem perto dele, bem junto dos colonos, até junto dos que aconselhavam o Rei.

3- António Vieira foi, no século XVII, um denunciante que nunca calou nem se calou.

Quando questionado pelo próprio monarca a propósito da melhor solução para o Brasil e se deveria nomear dois governadores ou dois capitães-mores, responde “*Digo que menos mal será um ladrão, que dois, e que mais dificultosos serão de achar dois homens de bem, que um.*” (fim de citação)

E citando novamente o romance, “*...apenas lhe ocorria o que escrevera a El-Rei na carta de maio do ano anterior: “Os Índios que moram em suas aldeias com título de livres, são muito mais cativos, que os que moram nas casas particulares dos Portugueses, só com uma diferença, que cada três anos tem um novo senhor, que é o Governador, ou Capitão-mor que vem a estas partes, o qual se serve deles como de seus, e os trata como alheios; em que vem a estar de muito pior condição que os escravos, pois ordinariamente os ocupam em lavouras de tabaco, que é o mais cruel trabalho de quantos há no Brasil [...]*”

Como diz Almeida Garrett, em Frei Luís de Sousa, “*Era um português dos antigos!*”, que, em nome da justiça e pelo bem do próximo, deu voz aos que a não tinham.

É a ambição, tão bem denunciada no Sermão de Santo António aos Peixes, e que nós todos lemos. Já o referia nesse texto e passo a citar uma das suas passagens mais icónicas “*Vede um homem desses, que andam perseguidos de pleitos, ou acusados de crimes. e olhai quantos o estão comendo. Come-o (...) o Advogado, come-o o*

Inquiridor, come-o a Testemunha, come-o o Julgador, e ainda não está sentenciado e já está comido...”.

4- António Vieira foi, no século XVII, um preso político e um homem perseguido.

Esta personagem maior de seiscentos, durante os últimos anos do reinado de D. João IV, dedicou-se à missionação e conversão dos índios do Maranhão, mas, sem a intervenção do próprio Papa, teria sido silenciado. Foi perseguido e preso. Teve que se defender sozinho do próprio Tribunal da Inquisição, pois cedo se insurgiu contra as injustiças praticadas contra os índios, defendendo o seu modo de vida e apontando o dedo aos colonos brancos que não conheciam fronteiras para levar adiante a sua ambição desmedida, não reconhecendo nem dignidade humana aos seus escravos, nem as ordens do rei que, pela própria influência de Pe António Vieira, queria conceder direitos e mudar as condições de vida desses povos indígenas.

Por isso, acusado de heresia, de blasfémia, de traição, a certa altura, Vieira foi expulso da sua missão juntamente com os seus companheiros, por um crime que não era imputável a si próprio, mas sim à natureza do próprio ministério: o facto de resistir àquilo que mais impedia a conversão dos índios, ou seja, a sua injusta escravização.”

Ele conhecia, no terreno, o que só por mensageiros, chegava a Lisboa. Ele vê, ouve, como lhe relata uma mulher branca (e cito) *“Arrependimento, sim. Mas incapaz de alterar ou acabar com este inferno em que nos vemos. Vivemos num inferno, padre. O inferno é isto. E é eterno, nem sequer é como o purgatório. Não aguento mais. Sinto-me perto da loucura. Muito perto. Já não aguento mais a chiadeira da moenda, dia e noite, a algazarra de toda essa gente, os berros do preto amarrado ao tronco debaixo do chicote do feitor, os gritos de horror da mulher que, esgotada de cansaço, deixou ir o braço com a cana e ficou sem ele.”*

5- António Vieira foi, no século XVII, um defensor da tolerância e da convivência religiosa.

Durante mais de um ano, preso, sozinho, isolado, ignorado, tenta defender-se, mas todos os direitos lhe são negados e é ele próprio que responde aos que o acusam. Teve inimigos junto dos conselheiros régios que afirmavam estar do lado dos inquisidores por serem ministros da fé. Retorquiu-lhes que também os padres da Companhia eram ministros da fé, com a diferença, porém, de que, enquanto os inquisidores viviam da fé, os padres morriam por ela. Esta resposta foi recebida com ameaças por parte da Inquisição, cujos membros chegaram mesmo a dizer “*O Padre Vieira que se acautele, se não quer cair nas mãos dos inquisidores*”.

Foi, também, um defensor dos cristãos novos, contra a política bafienta de caça às bruxas levada a cabo pela Inquisição e que acaba por condenar inclusive o próprio rei. Numa carta dirigida aos conselheiros reais, entre a sua longa e profícua epistolografia, podemos evocar uma passagem onde a defesa desses homens vindos do judaísmo está explícita. E cito:

“Finalmente, senhor, os homens da nação, a quem o castigo ou o medo lançou de Portugal, levaram-nos consigo, o dinheiro, o comércio, e a parte de nossas conquistas, conquistando não somente o nome e a opinião de judeus, que temos os portugueses em todas as partes do mundo, por sermos singulares em detestar de nós (sendo nossos) uns homens que todas as outras nações admitem, sendo alheios e estranhos.”

6- António Vieira foi, no século XVII, um hábil diplomata e estratega perspicaz.

Junto de D. João IV, tentou que Portugal se reerguesse, propôs mesmo a criação de uma Companhia das Índias, à semelhança das holandesas, na tentativa de reintegrar os judeus expulsos do país, mais concretamente os cristãos-novos pois, como ele próprio referia (e passo a citar) “*Não sendo os bens dos cristãos-novos sujeitos ao confisco, quem haveria de negar “ser muito vantajoso para o triunfo cristão se*

aqueles recursos que serviam o exército dos hereges, uma vez garantida liberdade semelhante, fossem transferidos para defender e propagar a fé católica?”

7 - António Vieira foi, no século XVII, um homem justo, um orador exímio.

Com Padre António Vieira restabelece-se e reafirma-se a força poderosa da palavra que, mesmo ameaçada, é livre - porque o foi e sempre será.

A Inquisição intimidou-o e ele sempre a sacudiu com a firmeza da razão e a coragem da palavra. O poder do sermão e o talento da retórica nunca o abandonaram e ele sempre os usou para espalhar a justiça. Esse talento que ainda hoje tão necessário é para falar sobre os mais fracos e os defender. E cito o Sermão: "*Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se os pequenos comerem os grandes, bastará um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande.*"

Vimos algumas das inúmeras e variadas facetas desta personagem singular. Mas continuam, e continuarão, a faltar os adjetivos.

“Não é tudo isto é verdade?”

É verdade que, com esta última obra, Manuel Maria predispôs-se a trazer até nós, esta figura singular, enorme e admirável da nossa história e a dar-lhe o papel central que também teve no século XVII. E fê-lo de tal forma que nunca mais será possível olharmos do mesmo modo para a pessoa de Pe António Vieira. Foi, até agora, um homem esquecido, ou, pelo menos, arrumado nos cantos da história secular e religiosa de Portugal, sem que lhe fosse conferida a dignidade que a sua atividade mereceu e merece. Foi, até agora, apenas lembrado no contexto escolar, no ensino da literatura especificamente, e que se perde com o passar dos anos pelas carteiras das salas de aula. Mas a sua obra, espelho de uma personalidade maior, é, como espero ter demonstrado, atual, exemplar, inspiradora. E fazer da história de António Vieira a história deste livro é marcadamente uma decisão também ela ousada e uma opção

ideológica corajosa. Porque, com esta obra, a memória de Pe António Vieira está oficialmente reabilitada e reconhecida. Neste trabalho minucioso, exaustivo e sério, está o retrato dum homem ímpar, baseado em dados históricos exatos e verídicos, que se entrelaçam com uma trama romanesca onde intervêm também outras personagens da nossa história coletiva. Todas elas estão habilmente retratadas neste livro.

Com o seu estilo já tão marcado, temos que evidenciar a forma como o autor, neste romance, plasma todas essas “pequenas” histórias dentro da História. Manuel Maria tece uma narrativa com as peripécias da longa vida de António Vieira, mas também traça um retrato da sociedade em que ele viveu, de tudo aquilo pelo que lutou. Não só ficaremos presos até ao fim, como teremos uma outra ideia dos bastidores, dos interesses, das astúcias mais ou menos bárbaras para enriquecer a qualquer custo no Portugal de seiscentos.

Manuel Maria constrói um admirável romance em torno de uma admirável personagem, mostrando um homem de visão excepcional e de um profundo humanismo. Um homem que sobressai pelo seu universalismo e pela sua modernidade. Um homem da Igreja que quis mudar a sociedade e a própria Igreja.

Não é isto verdade?

A pena de Manuel Maria traz também os escritos de Pe António Vieira até ao nosso tempo, e realiza, assim, o elogio que lhe é devido e a apologia da obra do “Imperador da Língua Portuguesa”, como lhe chama Fernando Pessoa. Este jesuíta, apesar do seu estatuto de religioso, em pleno século XVII, vestiu as vestes de padre, de confessor, de conselheiro real, de pregador, de missionário, de diplomata, de estratega, de administrador, sempre ligado ao Rei D. João IV e cujas atitudes lhe mereceram as maiores glórias no seu tempo, assim como os momentos mais perigosos e delicados junto da própria Inquisição, o desterro e mesmo a prisão.

Tudo isto ele denunciou e tudo isto o nosso autor continua, com Cinco palavras de António Vieira a denunciar. A denúncia das injustiças não é de agora, os tempos não mudaram assim tanto. A natureza humana permanece imperfeita. Este homem, o Pe

António Vieira, é que tentou mudar o mundo muito antes do que nós alguma vez imaginamos.

Nesse sentido, é uma narrativa que se demarca pela singularização do tema, que é o da recuperação de uma personagem esquecida, e pela originalidade ficcional. Pondo em destaque, e prestando homenagem a este homem longamente ignorado pelos portugueses e pelas instituições que teriam, e têm, o dever de o divulgar, Manuel Maria constrói um romance literariamente estimulante e intelectualmente desafiante. Na sua habitual linguagem exata, linguisticamente irrepreensível, numa sintaxe minuciosa, numa narrativa quase fílmica e visual, vamos assistindo à construção do mundo seiscentista português que é fiel aos pormenores, ao rigor histórico e ao propósito literário.

Manuel Maria debruça-se, nesta ficção histórica, sobre a excecional figura de António Vieira num trabalho de excecional investigação e compilação de informação. Como num maravilhamento de uma criança, que descobre um brinquedo novo ou um mistério intrigante, Manuel Maria descobriu Pe António Vieira e creio que nunca mais o largou.... E o seu maravilhamento continua tão ou mais intenso que quis também que o descobríssemos, que o admirássemos, que o conhecêssemos. E, por isso, aqui está este romance. Para também nos maravilharmos com Pe António Vieira. Para também nós ficarmos curiosos e quereremos saber mais. Até à última página, porque nos vamos maravilhar, mais uma vez, com Manuel Maria.

Não é tudo isto verdade?

Muito obrigada por me terem escutado. Foi um prazer falar de Pe António Vieira pelo incentivo das cinco palavras deste romance.

março de 2020
Dulce Raquel Neves